



Varela (Guiné-Bissau)

© Bea Gamallo

Análise dos Centros de Interpretação Ambiental portugueses

Analysis of Portuguese Environmental Interpretation Centres

Pedro Morais¹, António Dinis Ferreira² e Javier Benayas¹. 1.Universidade Autónoma de Madrid. (Espanha). 2. Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal)

Resumo

Os Centros de Interpretação Ambiental (CIAM) são estruturas de apoio aos visitantes que tendo diferentes origens, objectivos e formas de funcionamento, usam estratégias de interpretação do património para interligarem os visitantes como os recursos naturais locais. Entre fortes críticas e rasgados elogios, cobertos por diferentes denominações e formatos, e apresentado boas e más práticas, importa conhecer a realidade dos Ciam portugueses para que possam ser melhorados e desenvolvidas estratégias de articulação. Apresentam-se os resultados de uma análise geral dos Cia realizada em Portugal entre 2012 e 2014 com o objectivo de se entender a sua vocação no apoio a actividades turísticas com forte componente de educação ambiental e na valorização e protecção do património natural. O presente trabalho mostra que estes centros desempenham um papel relevante na valorização de áreas naturais, embora tendo ainda um reduzido planeamento e organização, quer ao nível de cada centro, quer entre os diferentes centros que poderiam funcionar em rede e desenvolver acções mais assertivas. Dos aspectos a melhorar salienta-se a atracção de visitantes e o uso de técnicas de interpretação. Há também diferenças regionais que importa considerar para que estas estruturas possam no futuro evoluir e aumentar significativamente o seu contributo para um turismo mais sustentável.

Abstract

Environmental interpretation centres are supporting structures for visitors with different genesis, objectives and practices but all using heritage interpretation strategies to connect visitors to local natural resources. Among criticisms and strong praises, working under different names and formats, with good and weak examples, it is important to state the Portuguese context in order to improve their outcomes and increase their integration. Results of an overall analysis of environmental interpretation centres in Portugal are presented aimed to understand their adequacy to support tourism activities with an important environmental education component and also to protect natural heritage. This study confirms that environmental interpretation centres have already an important role in enhancing the value of natural areas, however they have a low planning and organizing effort both on individual and network levels developing more assertive actions. From these issues we expect to improve the capability to attract visitors and the interpretation strategies use. There are also some regional differences that must be taken into account for a future evolution of these centres to improve their contribution towards a more sustainable tourism.

Palabras chave

centros de interpretação ambiental; Portugal; ecossistemas; ecoturismo; educação.

Key-words

environmental interpretation centres; Portugal; ecosystems; ecotourism; education.

Introdução

Vivemos em simultâneo uma época de crise e de oportunidades de mudança. Assistimos ao adensar dos problemas ecológicos, à destruição irreversível do património natural, ao esgotamento de minerais e energia fóssil, a um afastamento físico e mental da humanidade ao meio natural do qual depende, à degradação dos ecossistemas e ao aumento da apatia da população em geral face a todos estes problemas. David ORR (2004) referia há mais de uma década que a estabilidade climática, a resiliência e produtividade dos sistemas naturais, a natureza e a biodiversidade são o garante da saúde e prosperidade da humanidade e que estão ameaçadas.

Mas a par com estes problemas graves vivemos também com recursos, meios de comunicação e conhecimentos para mudar, para aumentar a eficácia da educação ambiental e a oportunidade para a introduzir nas mais diversas actividades dando-lhe assim a dimensão do planeta.

Entre os problemas globais de mais urgente resolução alguns estão relacionados com o turismo, o sector mais generalizado no planeta, com elevado nível de impactos negativos (directos e indirectos) e com mais trabalhadores e clientes envolvidos. Temos assim uma oportunidade de mudar de forma muito significativa os impactos negativos do turismo, melhorar as práticas

de funcionamento interno do sector com formas mais sustentáveis de usar os recursos do planeta, adequar a actividade aos ecossistemas envolventes e também, muito importante, incutir nos seus clientes comportamentos mais sustentáveis.

Particularmente neste último aspecto, a educação ambiental é uma peça essencial na transição para um turismo mais sustentável mas também uma oportunidade de valorização das experiências turísticas. E de entre as formas de integrar componentes educativas no turismo a Interpretação do Património (IP) é a principal ferramenta para ligar o visitante ao local visitado abrindo as portas para um processo que pode levar à mudança de comportamentos nos turistas. Segundo TILDEN (1967) a IP é uma actividade educativa que se distingue da instrução tradicional pela comunicação baseada na provocação, reflexão, revelação de significados e na ligação do local visitado aos sentimentos dos visitantes. De referir que as modalidades turísticas com objectivos de conservação ambiental, como o ecoturismo, se centram em actividades de educação e de interpretação do património natural e cultural.

Embora existam diferenças claras entre os caminhos da educação formal e da IP, (MORALES, 2006) refere que a IP embora não seja centrada no ensino ou na instrução mas mais na provocação, possui conotações educativas evidentes. De igual sentido uma boa IP leva a um entendimen-

to do contexto, podendo-se converter “*um simples espectador numa pessoa ambientalmente educada*” (GUERRA, 2006: 227).

A IP aplica-se através de diversas estruturas e meios de comunicação como os centros de visitantes ou exposições, os percursos interpretados, publicações ou visitas guiadas (NEWSOME, MOORE & DOWLING, 2001). Apesar dos perigos e pontos fracos, os CI apresentam algumas vantagens numa fase de início de desenvolvimento da IP como é o caso português, pois:

- São estruturas fixas que podem ser dotadas de exposições e actividades com um grau de IP elevado, mesmo quando a disponibilidade de competências e de recursos humanos especializados é baixo;
- Permitem atingir um vasto conjunto de visitantes, em número e características, e mesmo os menos familiares e despercebidos para os problemas ambientais e valores naturais;
- A sua multifuncionalidade (informação, apoio turístico, educação, apoio logístico, gestão de espaços...) permite chegar a diferentes públicos, como sejam os turistas, visitantes, população local, públicos escolares e agentes locais, assim como ter diferentes funções;
- Quando bem localizados e promovidos os CIAM são excelentes pontos de partida para actividades turísticas e de lazer como visitas autónomas, visitas guiadas

e interpretadas e outras actividades ligadas ao ambiente;

- Ajuda na implementação de outras ferramentas de gestão sustentável, conduzindo a comportamentos mais adequados dos visitantes enquanto estão no local e numa fase pós-visita já no seu cotidiano.

Neste trabalho caracterizam-se os Centros de Interpretação Ambiental em Portugal, avaliando-se o desempenho e principais problemas, numa perspectiva de se melhorar o seu funcionamento para que estes possam também contribuir de forma mais significativa no apoio a modalidades turísticas mais sustentáveis.

Acerca da interpretação

Quando criamos uma relação tão estreita quanto possível entre o visitante e os recursos dos locais visitados estamos a contrariar os principais problemas ambientais, a valorizar os recursos locais e aumentar a experiência turística. É neste contexto que a IP, ao encontrar-se entre as esferas da informação e da educação (MCNAMARA & PRIDEAUX, 2010), usa a cultura e património construído, a biodiversidade e a paisagem para promover eficazmente o seu uso sustentável, alertando para o estado ambiental do planeta e provocando mudanças efectivas de comportamento dos visitantes, porque:

- O seu ponto de partida é o património: abarcando e interligando a parte natural e cultural incentiva-se a que se percebam as inter-relações;
- Ocorre em contextos descontraídos: junto aos recursos, actualiza-se o conhecimento e integra-se com os problemas envolventes;
- Atinge diferentes públicos de forma bastante eficaz: Visitantes e turistas, população local, agentes locais, e também os públicos escolares.

Para este desafio, e a par com outras formas de educar a população, a interpretação ambiental ou interpretação do património natural é uma área de aplicação directa de conceitos de educação ambiental, ainda relativamente nova, e que permite incentivar o aumento de conhecimentos e a mudança de atitudes e de comportamentos (WEARING & NEIL, 2009) através da ligação a elementos que directamente nos envolvem. São temas e recursos que necessitam de voz, uma voz suficientemente explícita que lhes é dada pela IP para que os visitantes possam entender o mundo onde vivemos, os recursos limitados dos quais dependemos e a necessidade de cada um de nós aumentar a capacidade de preservar o que, de facto, é importante para a vida na Terra.

Do ponto de vista turístico, a IP aumenta a qualidade da experiência de visita ao reduzir a distância cognitiva, sensorial e emotiva entre o visitante e os recursos dos

locais visitados. Incorpora-se assim no produto turístico, essencialmente intangível, a riqueza de um contacto profundo e mais prolongado no tempo. Os efeitos da IP prolongam-se para além da visita, pois quanto maior for a valorização da experiência, há maior possibilidade de mudança de comportamentos e também de motivar futuras visitas ao mesmo lugar por amigos e familiares ou a repetição da visita pelo próprio visitante.

Do ponto de vista da comunidade receptora, a agregação de elementos que conduzem a um orgulho colectivo, a preservação da identidade e seus elementos culturais e a apresentação de todo um património aos visitantes é proporcionada de forma mais efectiva quando se usa a IP e mais concretamente através dos CIAM.

Também numa perspectiva de sustentabilidade, a IP contribui para uma boa gestão de espaços naturais, moldando no momento os comportamentos dos visitantes que leva à redução de impactos negativos. Mais que transmitir informação para o momento, interessa aprender a pensar a longo prazo, compreender relações complexas, obter pistas concretas de como se pode ter uma actividade cotidiana, familiar, profissional e nos tempos livres com um maior grau de sustentabilidade.

Um *centro de interpretação* (CI) é na realidade uma identidade abstracta que pode ser vista de muitas perspectivas. Começa

por ser apenas uma estrutura fixa destinada a visitantes (SERANTES, 2011), que integra estratégias interpretativas destinadas a “falar” dos recursos envolventes aos visitantes, turistas e população local.

Como uma estrutura ou equipamento que pode ter origens distintas, pode também ter diversos nomes e funções. As denominações para um CIAM podem ser muito diversas: Centro de visitantes, Centro de informação, Centro de recepção, Centro de natureza; Escola de natureza, Exposição (SERANTES, 2011). Estão aqui representadas diversas funções relacionadas com a parte educativa ou interpretativa mas também com uma componente turística e de gestão de visitantes que podem e devem estar presente de forma integrada.

Numa óptica museológica podemos classificá-los de “para-museus” (MARTÍN PIÑOL, 2012) porque não têm a dimensão e o propósito destes, ou os separamos e acordo com FERNÁNDEZ BALBOA (2007) que exclui os museus dos CI pelo seu papel de conservação de peças originais, reconhece que os ecomuseus podem ser uma excepção. Por outro lado podemos incluir no conjunto de CIAM ou de centros com potencial para a interpretação os zoológicos, aquários e planetários, estruturas onde existe ou deveria existir um elevado grau de interpretação ambiental (WOHLERS, 2005). Será de esperar que no futuro os centros de interpretação, museus e ecomuseus estejam cada vez mais pró-

ximos nas suas missões e estratégias de modo a que e a separação proposta por FERNÁNDEZ BALBOA (2007), baseada na forma como gerem os objectos expostos, venha a ser cada vez mais difícil de realizar.

Os CIAM são elementos educativos ímpares em termos de destinatários, de conteúdos e de estratégias de comunicação em relação a outras estruturas educativas. Uma vez que a excessiva fragmentação do conhecimento afasta as pessoas da sua realidade, podemos oferecer um conhecimento integrado da realidade explorando conexões entre processos e a sua expressão nos ecossistemas e na paisagem, tornando a informação mais apelativa. Esta forma de aprendizagem ao longo da vida orienta-se para toda a população (de âmbito local, regional e internacional) e deve ser apresentada com uma visão actual e real do mundo: a de que somos seres frágeis, e que por acaso e sorte vivemos num planeta que também é frágil. Esta visão coaduna-se com o princípio da IP de TILDEN (1967) que refere a importância de dirigirmos a interpretação para o todo.

Neste estudo os CIAM são analisados com o objectivo de entender a sua vertente educativa, numa perspectiva figurada de “escolas” para turistas. Escola, entendida para além do sentido estrito de estrutura física e mais como sistema de transmissão de conhecimentos, valores e de mudanças comportamentais. Uma escola essência

a muitas actividades turísticas com uma componente educativa relevante como é o caso do ecoturismo.

Aos CIAM, e respeitando os princípios da IP, cabe o papel de sair do conhecimento abstracto e passar para a realidade, sair do caso isolado e passar para a escala do planeta que é a unidade com que cada vez mais temos que trabalhar, proporcionando um investimento no nosso futuro socio-ecológico (GREEN, 1999).

Neste caminho para interpretarmos o planeta Terra devemos ter nos CIAM um passo intermédio que é o enfoque nos ecossistemas envolventes, mostrando a biodiversidade, as inter-relações, a complexidade, assim como o lugar do ser humano entre todos os outros. A proximidade e o contacto com os ecossistemas é uma excelente oportunidade para explicar relações ecológicas e ligar estes à realidade dos visitantes, conseguindo-se assim resultados educativos de maior eficácia.

O valor social e ambiental dos CIAM é mais facilmente entendido quando se mostra o balanço entre os seus pontos fracos, como sejam os elevados custos de montagem e manutenção, e as vantagens destas estruturas de informação e formação. MORALES (1994; 2001) enumera diversos problemas dos centros de interpretação como estarem centrados em meios tecnológicos, sem sustentabilidade finan-

ceira, e sem respeitarem uma planificação que inclua a localização, acessibilidade e os serviços e no final sem interpretação. Estas questões devem ser ultrapassadas com planeamento e gestão adequadas para que um centro possa efectivamente ser chamado de interpretativo.

Objectivos e Metodologia do estudo

Este trabalho pretende caracterizar a rede de CIAM em Portugal com vista ao seu potencial uso em contextos de ecoturismo. Para tal seguiram-se duas metas principais na avaliação de estruturas de interpretação (MASTERS & CARTER, 1999): obter um primeiro inventário e depois avaliar a qualidade do funcionamento desses centros. Dos resultados desta primeira avaliação podem ser delineadas melhorias dos CIAM existentes e apontadas linhas de acção para a implementação de novos.

Deste modo, este trabalho pretende:

- Caracterizar o que são “centros de interpretação” em Portugal e quais as suas funções;
- Perceber quantos são, onde estão e qual a sua temática;
- Analisar os temas que abordam e qual a sua relação com os principais ecossistemas onde se inserem;

- Entender a ligação dos CIAM à actividade turística e a forma como utilizam as estratégias de interpretação.

Identificação e inventariação

Foram utilizados critérios muito amplos para a sua identificação: Ou têm a denominação de CI ou que são classificados como tal pela sua natureza, localização, gestão, notícias ou até por indicação directa de pessoas que já os tinham visitado.

Ficam certamente fora deste grupo muitas estruturas, como museus rurais ou centros de âmbito local pouco divulgados, assim como museus de carácter mais tradicional mas que têm uma actuação de CIAM. Um dos desafios futuros será a definição de um conjunto de critérios para se escolher de forma concisa a inclusão ou não de determinado centro nesta lista.

Os CIAM foram identificados nas seguintes fontes:

- Base de equipamentos de educação ambiental da Agência Portuguesa do Ambiente;
- Portais internet de cultura e turismo;
- Portal internet dos centros de interpretação dos Açores;
- Pesquisa complementar em motores de busca;
- Informações pessoais.

Avaliação da qualidade dos centros

A recolha de informação teve por base um questionário que traduzido e adaptado de MUÑOZ (2008). Foi escolhido por possuir grande abrangência de elementos de análise (identificação, instalações, recursos humanos, meios expositivos e conteúdos interpretativos) e também por já ter sido já testado e aplicado nos parques nacionais de Espanha, contexto próximo do português.

Procedimento de recolha de informação

A visita aos 94 CIAM foi realizada na forma de “turista” incógnito ou seja sem que tenha existido alguma identificação de que se estava a proceder a um trabalho de investigação. Deste modo pretende-se não adicionar perturbações ao modo como o centro actua com os seus visitantes.

Durante e depois da visita foi preenchido o questionário com a informação recolhida, e recolhido outro material de apoio: imagens fotográficas, impressos disponíveis no Centro, e feitas anotações diversas.

Resultados e discussão

Foram identificados 145 CIAM em Portugal (2014), destes 94 foram visitados

entre 2012 e 2014. A análise dos dados recolhidos foi feita separando o país em regiões, Norte, Centro, Açores e Madeira de acordo com a classificação NUTs II, e por facilidade de tratamento juntaram-se as regiões de Lisboa, Alentejo e Algarve, numa só região denominada “Sul”.

Para a classificação de ecossistemas foi utilizada a tipologia indicada no estudo português do *Millennium Ecosystem Assessment* (PEREIRA, DOMINGOS, VICENTE, & PROENÇA, 2010).

A visita a quase 65% dos centros identificados permite obter resultados que se aproximam da realidade global do país.

Distribuição geográfica

Se a distribuição do número de centros é relativamente regular pelas cinco regiões definidas, já a comparação do número de

centros com a área geográfica, número de habitantes e número de dormidas de cada região, os valores mostram realidades claramente diferentes:

- Nos dois arquipélagos o número de centros em relação à área é muito superior ao do continente, e entre estes sobressai a Madeira;
- A relação entre o número de centros e a população mostra também valores mais elevados para os dois arquipélagos mas aqui os Açores tem um valor que mais que duplica o da Madeira e é mais de 10 vezes superior à média do continente;
- No que se refere à relação com os indicadores turísticos os Açores possuem um valor que se destaca das outras regiões.

Estas diferenças estão relacionadas com as diferentes políticas regionais e nacionais, a natureza dos diferentes territórios

Região	Visitados	Não visitados	Total	CI/1000 km ²	CI/milhão de habitantes	CI/milhão de hóspedes	CI/milhão de dormidas
Norte	21	12	33	1,5	8,9	11,0	6,3
Centro	24	10	34	1,2	14,6	15,2	8,5
Sul	15	20	35	0,9	8,7	4,1	1,3
Açores	22	7	29	12,5	117,5	84,0	26,3
Madeira	12	2	14	17,5	52,3	12,5	2,3
Total	94	51	145	--	--	--	--
Média das regiões	18,8	10,2	29,0	6,7	40,4	25,4	8,9
% do total	64,8	35,2	100,0	--	--	--	--

Tabela 1: Distribuição regional dos centros e sua relação com indicadores de população e turísticos

e os tipos de turismo predominantes. Os resultados para os Açores estão de acordo com uma clara aposta política na promoção da actual rede e na criação de novos CIAM, justificada pela sua importância para o turismo, no apoio à actividade escolar e para a população local.

A grande maioria dos CIAM visitados encontra-se em meio urbano ou numa área protegida (Gráfico 1). Existe um pequeno número em meio natural e em meio rural (lugares com menos de 5000 habitantes) o que mostra uma tendência dos centros se localizarem onde há mais visitação.

Em relação à localização e relação com os ecossistemas envolventes não se verificam diferenças assinaláveis entre os valores de centros visitados e não visitados (Tab.2). Muitos dos centros localizam-se

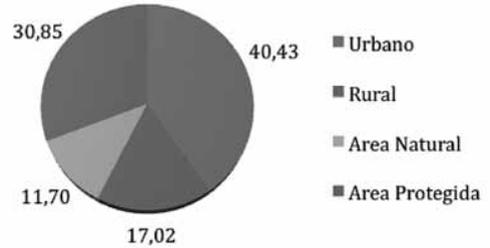


Gráfico 1: Meio onde se inserem os CIAM em

junto ecossistemas agrícolas. Os ecossistemas de floresta, montado, águas subterrâneas e marinho são os menos frequentes junto aos CIAM portugueses.

Características dos Centros

O primeiro elemento para caracterizar um CIAM é o seu nome. Cerca de metade dos centros tem a denominação de CI. Isto significa que o visitante tem de procurar estas estruturas também com outras denominações.

Ecossistemas	Ecossistema envolvente ao Centro			
	Principal % Total n= 145	Secundário% Total n= 145	Principal % C Visitados n= 94	Secundário % C Visitados n= 94
Marinho	0,00	4,83	0,00	7,45
Costeiro	14,48	10,34	15,96	9,57
Águas interi. superficiais	9,66	10,34	11,70	11,70
Águas subterrâneas	2,76	4,14	1,06	6,38
Floresta	6,90	5,52	6,38	3,19
Montado	4,14	5,52	1,06	7,45
Ilhas	4,83	16,55	7,45	15,96
Montanhas	10,34	16,55	10,64	14,89
Áreas cultivadas	23,45	20,69	27,66	14,89
Áreas urbanas	23,45	5,52	18,09	8,51

Tabela 2: Ecossistemas (principal e secundário) dos centros totais e visitados em %

Identificação	% Centros visitados n= 94	% Centros não visitados n= 51	% Centros total n= 145
C. Visitantes	11,7	0,0	7,6
C. Interpretação	37,2	74,5	50,3
C. Temático	7,5	5,9	6,9
Museu	19,2	9,8	15,9
Ecomuseu	4,3	0,0	2,8
C. Ciência Viva	7,5	9,8	8,3
Outro	12,8	0,0	8,3

Tabela 3: Denominação em %

A nível internacional há diferentes denominações para estas estruturas (WOHLERS, 2005), assim como a sua principal função pode ser distinta (centros de educação ambiental ou os centros de ciência viva portugueses, que se podem considerar centros de interpretação pela forma como estão preparados para interligar o visitante à realidade envolvente.

Se bem que a interpretação é algo técnico que só deve estar no seu conteúdo (MORALES, 1994) a denominação destes é um problema para visitantes nacionais e estrangeiros que não percebem pelo nome como nestes centros o seu conteúdo é tratado.

Os Ciam foram classificados em seis temas que se apresentam na Tabela 4. Os dois temas mais frequentes são a biodiversidade e o ambiente entendido de forma genérica.

O acesso assume a um Ciam caracteriza-se pelo esforço necessário para a um visitante para chegar a um centro. Estar demasiado desviado da rota normal, um horário desadequado, ou a falta de sinalética podem ser factores que reduzam o número de visitantes, nomeadamente os menos interessados que são também os que devem merecer a nossa maior atenção.

Tema Principal	% Centros visitados	% Centros não visitados n= 51	% Centros total n= 145
Biodiversidade	37,23	35,29	36,55
Geologia	12,77	9,80	11,72
Mundo Rural	15,96	5,88	12,41
Ambiente	19,15	41,18	26,90
Sociedade	9,57	7,84	8,97
Outros	5,32	0,00	3,45

Tabela 4: Tema principal (em %)

Acesso	Época abertura	Horário adequado	Via de Acesso	Sinalética	Média de respostas
Nada acessível	2,1	7,5	9,6	11,7	7,7
Pouco acessível	1,1	8,5	25,5	25,5	15,2
Bastante acessível	6,4	8,5	35,1	33,0	20,7
Muito acessível	90,4	75,5	29,8	29,8	56,4

Tabela 5: Características do acesso aos CIAM (valores em %)

Existem ainda outros factores que dificultam o acesso, como o seja a falta de informação em revistas, guias, postos e agentes de turismo ou na internet, que vão contribuir a que no final o centro seja menos visitado. SERANTES PAZOS (2011) refere a falta de divulgação e a necessidade de se dar visibilidade a estas estruturas. É fundamental que em cada local exista um conhecimento generalizado dos CIAM (incluindo a população local) contribuindo a que sejam “locais obrigatórios” para visitantes.

Os factores avaliados relevantes são a sinalética (algumas vezes inexistente) e a via de acesso. Por outro lado a época de abertura é a o factor menos importante pois praticamente todos os centros visitados encontram-se abertos todo o ano.

A data de inauguração pode-se relacionar com os motivos que deram origem aos Ciam, influenciando aqui dois factores principais (Gráfico 2). O primeiro refere-se ao conhecimento da IP e das tecnologias que

nesta se podem usar, e o segundo são os financiamentos (fundos europeus) para a construção/adaptação de edifícios e compra de equipamento. Ambos os factores levaram a um forte crescimento do número de e estruturas após o início da década de 2000 para o qual contribui também o trabalho apresentado na Expo98 de Lisboa.

Depois do período de expansão os CIAM na década de 2000, a crise económica dos últimos anos refreou este crescimento sendo de esperar no futuro um maior aumento da qualidade face à quantidade de centros.

respostas

Nada

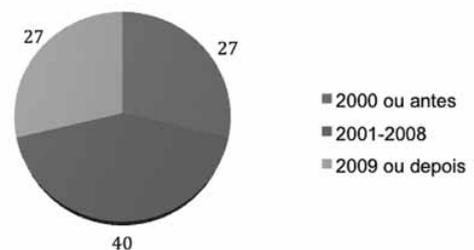


Gráfico 2: Data de inauguração dos CIAM (valores em %)

A quase totalidade dos CI's são públicos, quer com gestão mais local, autárquica (42,5%), quer com uma gestão do estado (42,5%). Ambos os casos mostram que a finalidade de um CI está mais no campo da "utilidade pública" que no sector privado. Esta situação que reflecte o tipo de governança é muito diversificada em diferentes países onde a gestão de espaços naturais pode estar mais concentrada no estado ou em organizações de gestão privada. Em Portugal encontram-se centros de interpretação privados que são bons exemplos de planeamento e com um trabalho relevante como é o caso da Rota da Cal na Madeira ou o CI de Canelas em Arouca, mostrando que apesar de todas as dificuldades é possível em determinados contextos, manter em funcionamento um Ciam sem apoio estatal directo.

A maior parte dos centros tem pequena dimensão (menos de 300m²) mas há também um número significativo de centros que possuem uma área maior que 300 m².

Cerca de um terço dos centros não possuem área descoberta, enquanto quase metade têm um espaço de ar livre de grandes dimensões (superior a 500m²).

Área coberta	%	Área descoberta	%	Tamanho adequado	%
sem	0,0	sem	31,9	Nada	1,1
até 100m ²	21,3	até 100m ²	7,4	Pouco	6,4
101-300m ²	47,9	101-500m ²	12,8	Bastante	13,8
mais de 300m ²	30,9	mais de 500m ²	47,9	Muito	78,7

Tabela 6: Dimensão dos CIAM

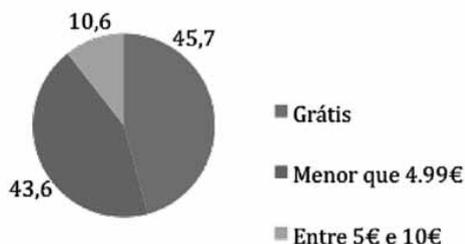


Gráfico 3: Preço de entrada em %

O preço de entrada pode ser analisado em duas vertentes:

- A possibilidade de entrada grátis nos centros favorece um aumento do número de visitantes, mas também pode reduzir, do ponto de vista psicológico, o "valor" atribuído a essa visita. No caso de centros com elevado número de visitantes este valor de entrada poderia garantir a viabilidade do seu funcionamento, a sua modernização ou actualização.
- Por outro lado é importante que o preço tenha uma relação com a qualidade ou resultado final da visita e que não seja colocado como um elemento desmotivador de visita ao CI.

A nível internacional há diferentes tendências como a entrada gratuita em geral por exemplo em Espanha, e entradas quase sempre pagas como no Reino Unido.

Serviços básicos	%	Multifuncionalidade	%
0 -3	4,3	Nada	16,0
4 -6	28,7	Pouco	33,0
7 - 9	40,4	Bastante	42,6
10 ou mais	25,5	Muito	8,5
s/ informação	1,1		
Outros	5,32	0,00	3,45

Tabela 7 – Serviços e multifuncionalidade dos CIAM (valores em %)

O preço pode ainda ser um factor de desmotivação quando para isso é planeado. Na região centro há uma gruta que possui um preço acrescido para o seu CIAM, desmotivando assim a sua visita.

Analisou-se a presença de 13 serviços básicos que um CIAM pode conter (como recepção, sala de audiovisuais, biblioteca ou zona administrativa entre outros), assim como o carácter multifuncional do centro em termos da sua actividade para o exterior.

A multifuncionalidade é uma característica importante e que pode ajudar a viabilizar a manutenção e a continuidade do centro. Pode acontecer que com uma só função o CIAM seja economicamente inviável, mas com várias funções e uma boa gestão passa-se a garantir a sua viabilidade.

As visitas guiadas são um elemento essencial ou nos casos em que os CIAM estão preparados para auto-visita aumentam a qualidade da experiência. Os centros sem visitas guiadas ou só para grupos es-

colares representam mais de metade dos CIAM. Em poucos casos existe a possibilidade de se ter uma visita guiada pagando um preço extra.

Há visitas guiadas	
Nunca	25,5
Só por marcação	11,7
Só para grupos escolares	26,6
Sempre	28,7
S/infor.	7,5

Tabela 8 – visitas guiadas nos CIAM (valores em %)

Este apoio personalizado à visita, embora tenha um custo acrescido, permite reduzir o investimento na exposição fixa e produzir maior impacto nos visitantes. Introduzir um elemento humano na experiência, muitas vezes falando na primeira pessoa, possibilita a resposta a questões e ajuda na transmissão de ideias e conceitos.

Existem centros em que se verificou que os técnicos de atendimento não se disponibilizam a apoiar o visitante e outros em

	Atractividade	Factor lúdico	Comunicação	Temas locais	Potenciar a participação sensorial	Levar à acção	CI/milhão de dormidas
Nada	3,2	34,0	3,6	6,4	1,1	27,7	6,3
Pouco	26,6	33,0	31,5	35,1	24,5	45,7	8,5
Bastante	30,9	18,1	43,0	46,8	44,7	14,9	1,3
Muito	31,9	7,5	14,5	4,3	22,3	4,3	26,3
S/ Inform	7,5	7,5	7,5	7,5	7,5	7,5	2,3

Tabela 9: Factores relacionados com a interpretação (em %)

que o apoio disponibilizado transforma uma visita normal numa experiência de maior valor e significado.

A interpretação nos centros de interpretação

Uma avaliação inicial é produzida pela primeira impressão geral na visita ao CIAM. Em dois terços dos centros visitados percebe-se que actuam como CI. Subjacente a esta avaliação está a forma como o centro se apresenta (possui estratégias interpretativas) mas também o resultado final da visita, nomeadamente marca o visitante, ou se consegue chamar a atenção para os aspectos mais relevantes do tema tratado.

Em relação à exposição o conjunto de elementos avaliados apresenta valores médios, sendo os mais baixos referentes ao carácter lúdico e a capacidade das exposições induzirem a acções concretas dos visitantes.

O factor Atractividade, resulta da média de quatro indicadores (exibições atractivas em geral, capacidade de atrair a atenção, de manter a atenção e meios criativos e originais) utilizados no questionário mostra que em geral as exposições têm mais cuidado em atrair que em desenvolver outros aspectos importantes para a interpretação.

O factor comunicação resultou da média aritmética de nove indicadores (diversi-

	Importância da interpretação da exposição	Importância da interpretação do guia	Necessidade de Interação Exposição- Guia
Nada importante	8,51	3,19	0,00
Pouco importante	30,85	2,13	5,32
Bastante importante	40,43	14,89	29,79
Muito importante	11,70	13,83	56,38
S/ inform.	8,51	65,96	8,51
Outros	5,32	0,00	3,45

Tabela 10 – Visitas guiadas nos CIAM em %

	Valências turísticas presentes		Adequação linguística da exposição aos visitantes		Idiomas exposição
0	42	Nada	6	Só em PT	45
1	21	Pouco	28	Em PT e EN	38
2	16	Bastante	30	Em PT e outra nEN	0
3	14	Muito	23	Mais que 2 idiomas	4
S/infor	1	S/infor	7	S/informação	7

Tabela 11: Características turísticas dos CIAM (valores numéricos)

dade de técnicas de comunicação, tamanhos e estilos de letra, uso de textos curtos, ou metáforas, analogias e personificações) e apresenta valores abaixo do desejável. MUÑOZ & BENAYAS (2012) referem esta mesma situação para os parques nacionais de Espanha no que se refere à comunicação de mensagens interpretativas.

Apenas um terço das exposições dos CIAM incluem de forma inequívoca a “provação” de ideias, valor muito abaixo do que seria de esperar para centros que usam estratégias de interpretação.

Os Centros de Interpretação e a actividade turística

Embora alguns CIAM não tenham como objectivo principal o apoio ao turismo, interessa perceber como em geral se relacionam com a actividade turística. Considerando as valências turísticas “ponto de informação”, “reservas”, ou “partida de actividades turísticas” verificamos uma relação fraca.

Em relação aos idiomas da exposição verifica-se um nível médio de adequação aos visitantes e uma predominância de textos só em Português ou em Português/Inglês. Verifica-se no entanto uma boa capacidade dos técnicos dos CIAM falarem outras línguas e possuem funções de acolhimento de visitantes. (Tab.12)

	O centro actua como centro de Informação e Recepção	O pessoal de atendimento fala outras línguas
Não	18	3
Sim	75	84
S/informação	1	7

Tabela 12 – Características turísticas dos CIAM (valores numéricos)

Como os centros interpretam os ecossistemas

É fundamental que no futuro os CIAM liiguem os seus temas com os ecossistemas onde estão inseridos. A comparação dos dois ecossistemas principais que envolvem cada centro e o ecossistema principal

focado na exposição mostra a não coincidência em mais de um quarto dos CIAM.

Os ecossistemas águas superficiais, costeiros e áreas cultivadas são os mais focados nos centros visitados. Verificam-se algumas diferenças entre os ecossistemas existentes na envolvente dos centros e os que são tratados no seu interior.

Nas exposições dos CIAM, mais de metade não indica de forma clara o que é um ecossistema e mais de um terço não foca os ecossistemas locais.

Reflexões e recomendações

Como noutros países, em Portugal as estruturas de interpretação apresentam diferentes denominações e também possuem diferentes conceitos, funções e práticas. Por isso é difícil obter uma definição concisa do que é um CIAM. Considerada essa dificuldade, neste estudo exploratório seguiu-se a linha de entender a sua

função, as suas características individuais ou de rede, para que se possam apontar estratégias para um melhor desempenho futuro em termos turísticos e da componente educativa.

Apesar da conjuntura desfavorável, os CIAM portugueses constituem já uma rede significativa e um ponto de partida para a sua qualificação e montagem de redes que podem ser temáticas, locais ou regionais. Partindo do pressuposto que há uma ligação maior entre centros da mesma natureza, que entre centros de natureza diferente (WOHLERS, 2005) deve-se trabalhar para que se possa construir uma ligação entre os CIAM e fomentar que estes se baseiem nos objectos e no “sentido de lugar” para chegar à interpretação do planeta, ligando com temas tratados noutros centros, e em particular focando os ecossistemas e os problemas ambientais envolventes.

Em termos globais constatou-se uma elevada falta de planeamento. A inexistência de uma estratégia global de planeamen-

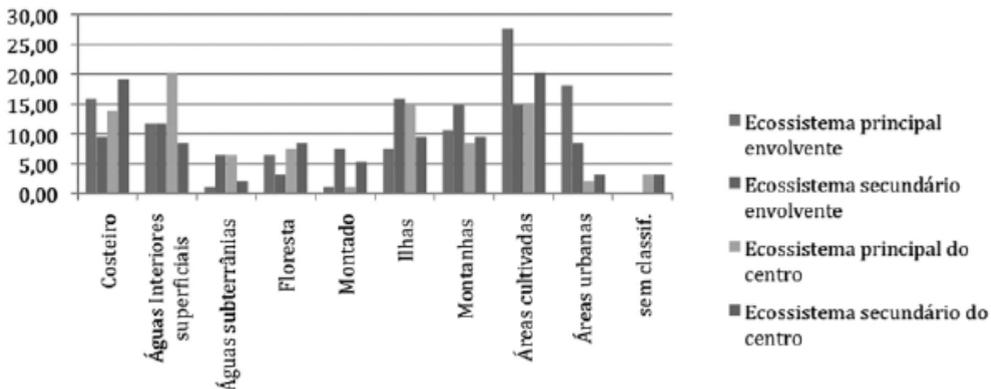


Gráfico 4: Ecossistemas envolventes e tratados nos CIAM (valores em %)

to de educação e comunicação leva a uma grande heterogeneidade na qualidade dos programas oferecidos (MUÑOZ & BENAYAS, 2012), uma situação que é também comum a Portugal. É reduzida a atenção dada ao acesso, viabilidade financeira, ou à promoção junto dos potenciais destinatários. Também a cobertura de temas, a interligação entre centros na mesma região e o trabalho em rede de centros com temas, abordagens ou estratégias semelhantes permitiria uma maior eficácia global. A excepção foi encontrada nos Açores onde uma aposta política do governo regional neste campo se traduz na implementação de um modelo de planeamento que poderia ser aplicado noutras regiões.

Dos principais problemas detectados a merecer uma rápida qualificação salienta-se a escassa utilização dos princípios de IP nos CIAM. Como não basta um nome à porta são necessários conteúdos e estratégias para que o resultado final seja eficaz. Isto é, parece fundamental que exista mais interpretação nos centros de interpretação em Portugal.

A forte vocação dos CIAM para a educação ambiental ligada aos públicos escolares não deve ser levada ao extremo de tornar os CIAM como centros exclusivos para educação ambiental, onde alguns impedem o acesso a outros públicos. A multifuncionalidade destas estruturas permite o seu uso por diferentes destinatários

e com diferentes funções e pode ser o garante da sua viabilidade.

Os elevados investimentos em CIAM nem sempre correspondem à qualidade das suas exposições ou ao impacto que estas devem provocar nos visitantes. É dada extrema atenção aos investimentos na construção de edifícios e muito pouca aos recursos humanos especializados para trabalhar nos seus conteúdos. Esta mesma situação acontece a Galiza onde SERANTES (2011) indica ser uma oportunidade para agora o trabalho ser focado no conteúdo.

Muitos centros que foram baseados em tecnologias muito elaboradas estão agora com módulos expositivos desligados. Quando estes meios são desenvolvidos por empresas externas à entidade gestora, juntam-se ao investimento inicial (muitas vezes facilitado por financiamento europeu), os custos de manutenção dos equipamentos e de actualização dos respectivos conteúdos, estes últimos não previstos inicialmente.

Os CIAM necessitam de um estudo que oriente a sua viabilidade financeira ao mesmo tempo que interessa perceber o seu papel educativo. Na impossibilidade e dificuldade de aumentar significativamente o número de CIAM interessa perceber como aumentara a sua eficácia a nível local e global. Por exemplo a opção por visitas guiadas com um preço ligeiramente

acrescido, nomeadamente nos dias de maior número de visitantes, possibilita a criação de postos de trabalho nesta área e experiências de visita mais proveitosas.

Para uma melhor utilização dos CIAM como factores de promoção de sustentabilidade ambiental e para que no futuro estes apoiem eficazmente o ecoturismo, as actividades de educação ambiental e o desenvolvimento local, será importante:

- Desenvolver as estratégias de IP, sendo para tal importante aumentar a oferta de formação especializada, assim como promover o aparecimento de empresas nesta área;
- Qualificar, organizar e coordenar a actuação dos CIAM ao nível de cada centro, e também entre os diferentes centros, criando redes de trabalho;
- Aumentar a disponibilidade de visitas guiadas, criando emprego e aumentando o valor da experiência de visita aos CIAM;
- Promover os impactos positivos dos CIAM no território e nos ecossistemas envolventes através de estratégias que levem a mudanças concretas no comportamento cotidiano dos seus visitantes;
- Levar ao envolvimento dos visitantes em actividades /organizações/ medidas de conservação ambiental (e voluntariado);
- Ligar os visitantes do território através da venda e promoção de produtos locais e com impacto positivo na região visitada;

- Ligar a actuação dos CIAM com o trabalho dos restantes agentes turísticos, das associações locais e com a população.

Pela sua relevância educativa e resultados na população e nos visitantes, os CIAM devem ser considerados pela sociedade e pelo estado como um serviço público com múltiplos benefícios para todos e em particular com um efeito concreto no turismo. A capacidade de apoio destes centros às actividades de turismo e natureza, ecoturismo e outras com forte componente e educativa ainda é escassa face ao desejável, o que pressupõe um longo caminho para percorrer, com muito para corrigir, para que a interpretação do património possa seguir no seu caminho de oferecer mais sustentabilidade ao nosso planeta.

Bibliografia

- FERNÁNDEZ BALBOA, C. (2007). *La Interpretación del Patrimonio en Argentina: estrategias para conservar y comunicar bienes naturales y culturales*. Buenos Aires: Administración de Parques Nacionales.
- GREEN, P. "WILDMAN." (1999). Future challenges for Australian and world interpretive methodology. *International Journal of Heritage Studies*, 5(3-4), 149-160.
- GUERRA, F. (2006). Interpretación do Património e Educação Ambiental. *AmbientalMENTE-sustentable*, 1(1-2), 221-228.
- MARTÍN PIÑOL, C. (2012). El prodigio de los centros de interpretación: unos equipamientos con fecha de caducidad. *Her&Mus*, IV(1), 64-70.
- MASTERS, D., & CARTER, J. (1999). *What Have We Got And Is It Any Good ? A practical guide on how to survey and assess heritage interpretation*.

- MCNAMARA, K. E., & PRIDEAUX, B. (2010). Reading, learning and enacting: interpretation at visitor sites in the Wet Tropics rainforest of Australia. *Environmental Education Research*, 16(2), 173–188.
- MORALES, J. (1994). ¿Centros De Interpretación? *Carpeta Informativa Del Centro Nacional de Educación Ambiental-CENEAM*. Retrieved from <http://www.cidadeimaginaria.org/pc/InterpretCentros.pdf>
- MORALES, J. (2001). *Guía práctica para la Interpretación del Patrimonio: el arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante* (2a ed.). Sevilla: Consejería de Cultura-Junta de Andalucía.
- MORALES, J. (2006). Interpretación do Património (natural e cultural), unha disciplina para producir significados. *AmbientalMENTE-sustentable*, 1(1-2), 209–220.
- MUÑOZ, M. (2008). *Evaluación y Financiación del Uso Público en Espacios Naturales Protegidos. El Caso de la Red Española de Parques Nacionales*. Tese de doutoramento, UAM, Madrid.
- MUÑOZ, M., & BENAYAS, J. (2012). A proposed methodology to assess the quality of public use management in protected areas. *Environmental Management*, 50(1), 106–22.
- NEWSOME, D., MOORE, S., & DOWLING, R. K. (2001). *Natural Area Tourism: Ecology, Impacts and Management*. Aspects of Tourism 4, Multilingual Matters.
- ORR, D. W. (2004). *Earth in Mind: On Education, Environment, and the Human Prospect* (Vol. Special Ed). Washington: Island Press.
- PEREIRA, H., DOMINGOS, T., VICENTE, L., & PROENÇA, V. (2010). *Ecossistemas e Bem-Estar Humano* (1a ed.). Lisboa: Escolar Editora.
- SERANTES, A. (2011). Os Centros de Interpretación en Galicia : un recurso para o desenvolvemento turístico sostible ? *AmbientalMENTE-sustentable*, 1(11-12), 101–121.
- TILDEN, F. (1967). *Interpreting Our Heritage* (3rd ed.). USA: University of North Carolina Press.
- WEARING, S., & NEIL, J. (2009). *Ecotourism: Impacts, Potentials and Possibilities?* Butterworth-Heinemann.
- WOHLERS, L. (2005). *Nature Centres and Environmental Interpretation in the Baltic Sea Region-Project Eagle*.